

A METÁFORA DO DEVORADOR DA CIDADE NOS FRAGMENTOS 70 E 129V DE ALCEU

THE CITY- EATER METAPHOR IN ALCAEUS FRAGMENTS 70 AND 129V

CARLOS AUGUSTO MENEZES MAIA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
MAIACAMM@YAHOO.COM.BR
[HTTPS://ORCID.ORG/0000-0002-8098-6361](https://orcid.org/0000-0002-8098-6361)

TEXTO RECEBIDO EM / TEXT SUBMITTED ON: 31/03/2021
TEXTO APROVADO EM / TEXT APPROVED ON: 01/10/2021

11

Resumo: A grande quantidade de insultos à figura de Pítaco na poesia alcaica chamou a atenção dos críticos modernos por ele ser visto como um grande governante por autores da Antiguidade e ser sempre associado à moderação, imagem que destoava da maneira como Alceu o descreve em seus versos; principalmente, no que diz respeito à metáfora do devorador da cidade, presente nos fragmentos 70 e 129V, nos quais Pítaco é descrito como uma besta feroz insaciável que devora a própria *polis*.

O presente artigo examinará a referida metáfora, visando a mostrar que as invectivas contidas nos fragmentos em questão, muito mais do que meros insultos, encontram-se inseridas na imagem negativa que o tirano apresenta em outras passagens da poesia grega arcaica.

Palavras-chave: Alceu, tirania, Pítaco.

Abstract: The large amount of insults to Pittacus' figure in Alcaeus' poetry called the attention of modern critics because he is seen as a great ruler by authors of Antiquity and is always associated with moderation, an image that differs from the way that Alcaeus describes him in his verses, specially concerning the city-eater metaphor presented in fragments 70 and 129V, in which Pittacus is described as an insatiable ferocious beast that devours the very *polis*.

The present paper will examine the referred metaphor, aiming to point out that the invectives contained in the fragments in question, much more than mere insults, are inserted in the negative image that the tyrant presents in other passages of Greek archaic poetry.

Keywords: Alcaeus, tyranny, Pittacus.

1- A STASIS E O TIRANO

12

Alceu de Mitilene, cujo nascimento costuma ser situado por volta de 630 a.C¹., compôs poemas de temática variada, mas aqueles que geraram mais polêmica foram, desde a Antiguidade, sem dúvida, os de cunho político. Com efeito, na poesia alcaica, alude-se à efervescência político-social da cidade de Mitilene, a qual se via em meio a conflitos políticos semelhantes aos que atingiram várias cidades gregas do período arcaico.

Desse quadro político marcado pela instabilidade social, surgem questionamentos acerca de valores característicos da aristocracia e de seus privilégios, sobretudo, com relação à eugenia como pré-requisito para o governo da cidade, questionando-se, assim, a própria hegemonia aristocrática, já que, nesse momento, surgem, em algumas cidades gregas, novos ricos que aspiram ao poder.

¹ A respeito da datação do nascimento de Alceu, ver Campbell 1990:14-15 e Liberman 1999: 15.

As *staseis*, as guerras internas que acometiam as cidades, muitas vezes, levavam ao poder indivíduos que estabeleciam uma autocracia, os chamados tiranos², os quais despertavam a oposição de famílias aristocráticas, como se percebe da poesia de outros poetas desse período, como Sólon e Teógnis.

Na concepção soloniana, a tirania apresenta um sentido negativo, pois o monarca é visto como um indivíduo que atenta contra a coletividade em detrimento de seus desejos individuais, sendo associado inclusive à ideia de escravidão do povo, conforme demonstra o fragmento 9W:

Da nuvem surge a força da neve e do granizo,
e o trovão nasce do brilhante relâmpago;
por causa dos grandes homens perece a *polis*
e o povo, por ignorância, cai na escravidão de um monarca.
ao que muito se exalta não é fácil contê-lo mais tarde,
mas, neste momento, deve-se refletir < bem > sobretudo³.

13

No *Corpus Theognideum*, também se encontra um posicionamento crítico em relação à figura do tirano, cuja ascensão ao poder é considerada uma das consequências das próprias atitudes dos líderes do povo movidos pelo afã de obter riquezas. Um exemplo notório da aversão à tirania nos *Theognidea* encontra-se nos versos 39-53:

Cirno, esta *polis* está prenhe e temo que dê à luz um homem
que puna nossa perversa insolência.
Os cidadãos ainda são sensatos, mas os chefes

2 O fenômeno da tirania na Grécia arcaica é complexo e de difícil compreensão, pois ganhou características específicas nas inúmeras *poleis* da Hélade. O presente artigo não tem como escopo, portanto, analisar a tirania e suas especificidades. Para uma discussão mais aprofundada do tema, ver Forsdyke 2013: 355-76 e Lewis 2006: 1-14.

3 A tradução dos textos gregos é de autoria do autor do artigo.

tomam outra direção, precipitam-se em uma grande vileza.
Nenhuma *polis* ainda, Cirno, os nobres destruíram
mas quando satisfaz aos inferiores agir de modo vil
pervertem o povo concedendo justiça aos injustos,
governando por riquezas e poder;
não esperes que esta *polis* permaneça calma por muito tempo
ainda que por hora se encontre em tranquilidade
quando aos inferiores essas coisas agradarem
lucros oriundos do mal público.
Pois disso surgem as *staseis*, os massacres entre irmãos
e tiranos: que jamais isso agrade a esta *polis*.

14 Como destaca Forsdyke (2013: 355), certos poetas da Grécia arcaica, entre os quais, Sólon e Teógnis, ambos pertencentes à nobreza, compuseram suas obras inseridos no meio aristocrático e seus versos se dirigiam à própria elite eupátrida em um período de transformação em que o poder do Estado passou a ser detido por instituições regidas por códigos legislativos, os quais tinham como finalidade reforçar a hegemonia aristocrática e, ao mesmo tempo, conter os grupos que seriam capazes de monopolizar o poder em suas mãos. Dessa maneira, é natural que os versos de temática política contivessem críticas àqueles indivíduos que, em sua ambição, colocassem em risco o domínio aristocrático.

Com efeito, aos olhos de qualquer nobre, a tirania significava a anulação do sistema aristocrático, pois a ascensão do tirano ao poder implicava a submissão de todos os ideais da nobreza a um indivíduo que possuía a força necessária para estabelecer novas leis e novos parâmetros de conduta na cidade.

Em Mitilene, as famílias aristocráticas, inclusive aquela da qual fazia parte o próprio Alceu, por longo tempo, envolveram-se em conflitos que culminaram na aparição de tiranos: primeiro, Melancro, em seguida, Mirsilo e, logo após, Pítaco.

2- PÍTACO E A TIRANIA

Alceu⁴ expressa, em seus versos, uma profunda rejeição à figura de Pítaco, um antigo aliado que passou a ser inimigo de sua *hetaireia*⁵ de acordo com a tradição e com os próprios versos alcaicos haja vista ter rompido o juramento que fizera a seus antigos companheiros de partido ao aliar-se ao tirano Mirsilo.

A grande frequência com que Alceu ataca Pítaco gerou uma crítica negativa de vários comentaristas de sua obra, tanto antigos⁶ quanto modernos⁷. No tocante a tal posicionamento, insere-se a opinião de Gual (1998: 99):

Quien más hizo por inmortalizar el nombre de Pitaco fue su enemigo el poeta Alceo. Con los repetidos insultos de sus poemas, el poeta, aristócrata rencoroso y violento, conspirador poco afortunado, aseguró la nombradía de Pitaco, que antaño había sido su camarada de motín y que luego acabó de gobernante con máximos poderes en la ciudad, mientras que Alceo se reconcomía en el triste destierro.

15

De fato, certos críticos passaram a ver em Alceu um poeta extremamente passional que se tornou muito mais um ativista político inflamado do que um poeta propriamente dito, atribuindo-lhe uma

4 Embora se saiba que a voz poética nem sempre equivale à própria figura do poeta, serão utilizadas as palavras *Alceu* e *poeta*, em lugar de *eu poético*, por uma questão de economia vocabular.

5 Para uma abordagem do termo *hetaireia*, ver Yatromanolakis 2009: 204-14.

6 Dioniso de Halicarnasso, em sua obra *Sobre a composição literária*, 24, acerca do poesia alcaica de temática política, declara: “muitas vezes, com efeito, caso alguém retirasse a métrica, encontraria retórica política”.

7 Entre os quais se encontra Page 1955: 243: “All through his stormy life he had neither might nor right on his side” e Andrewes 1956: 96: “Such were the violent and largely empty-headed politics of Alcaeus”.

poesia quase exclusivamente política e meramente vinculada à sua *hetaireia*, a seu clã aristocrático.

Várias são as invectivas dirigidas à figura de Pítaco na poesia laica. No entanto, apesar das críticas, ele passou para a história como um grande legislador e estadista; em grande parte, graças a testemunhos como o de Aristóteles, *Pol.* 1311b, que exalta o seu caráter mediador como governante de Mitilene. Ademais, o nome de Pítaco insere-se em todas as listas dos Sete Sábios.

Desse modo, os insultos de Alceu foram vistos por determinados autores como uma reação rancorosa de um perdedor nas guerras internas de Mitilene. Cabe ressaltar, porém, que as invectivas lançadas a Pítaco remetem, como demonstrou Fileni (1983: 31-32), a elementos que se encontram na base da rejeição aristocrática à tirania e são explorados por outros poetas do período arcaico, como Sólon e Teógnis. Davies (1985: 32), por sua vez, chama a atenção para o fato de que certos autores, como Cícero e Demóstenes, fizeram alusões que não eram necessariamente, verdadeiras a certas pessoas, mas sim convencionais, e afirma: “Critics have been rather less cautious in handling Alcaeus’ libels”.

A metáfora do devorador da cidade, presente nos fragmentos 70 e 129V, muito mais do que uma mera invectiva, é uma imagem assaz sugestiva, porque alude a certas particularidades negativas vinculadas à imagem do tirano na época em que o poeta de Mitilene viveu, como a obsessão por riquezas, o despreparo para governar, a sua relação com a injustiça, o desrespeito aos deuses e aos juramentos e o ruir dos valores aristocráticos.

Sendo assim, analisar-se-á o fragmento 129V em diálogo com outros dois fragmentos poéticos de Alceu, 70V, em que também ocorre a metáfora do devorador da cidade, e 72V, no qual se avilta a figura de Hirra, pai de Pítaco, como um selvagem, chamando atenção para a importância de uma linhagem nobre para a formação do caráter de um indivíduo.

3- FRAGMENTO 70V

... dizer isto...
canta, participando do banquete.
a lira, na companhia de insensatos fanfarrões
banqueteando-se com eles ... (5)

mas que ele, tornando-se parente dos Atridas
devore a *polis*, como também junto a Mirsilo
até que a nós Ares queira...
virar. Mas desta cólera nos esqueçamos. (9)

e relaxemos da luta que devora o coração
e da guerra interna, que um dos Olímpios
deflagrou, conduzindo o povo à ruína,
mas concedendo a Pítaco a desejada glória. (13)

17

Inicia-se o fragmento 70V com a imagem de um banquete, e o poeta parece querer enfatizar a falta de moderação, a tendência à gluttonia, que se encontra na base da metáfora do devorador da cidade.

A imagem dos fanfarrões no banquete lembra outras passagens da poesia grega, como, por exemplo, os versos 1179-82 do *Corpus Theogonideum*, nos quais se recorre a uma metáfora para depreciar a figura do tirano que, no dístico, recebe o atributo de *demophagon*, que devora o povo:

Quando desejas derrubar um tirano que devora o povo,
não ocorre punição alguma da parte dos deuses.
Cirno, louva e teme os deuses, porque isso impede
o homem de fazer e de falar impiedades.

Já os versos 7-10 do fragmento 4W de Sólon relacionam o ambiente do simpósio com a esfera política, associando a gula no banquete

à maneira individualista como os chefes do povo administram a cidade:

e injusto é o *noos* dos chefes do povo, aos quais está reservado
sofrer muitas aflições por causa de sua grande *hybris*,
porque eles não são capazes de conter seu *koros*
nem controlar, na tranquilidade do banquete, seus prazeres.

Assim como ocorre nos versos de Sólon, o início do fragmento 70V parece sugerir uma relação entre o comportamento imoderado no banquete e a ganância por bens materiais. O verbo *dapto* (verso 7), *devorar*, como observa Fileni (2002: 31), ocorre em certas passagens da épica homérica (*Ilíada* 11. 474 e 16. 157) para indicar a brutalidade com que as feras devoram as suas presas e é utilizado por Alceu para introduzir a imagem do tirano como uma besta que devora a cidade, ideia que se encontra em consonância com o verbo *euocheo* (verso 5), *banquetear-se*, *fartar-se*, e com o adjetivo *thymoboros*, *que devora o coração* (verso 10). Lentini (2002: 6), por sua vez, associa a voracidade do devorador da cidade no poema alcaico à rapacidade dos pretendes de *Odisseia*.

Uma outra informação relevante transmitida pelo poema se encontra no verso 6. A referência aos Atridas, de acordo com o escoliasta de Alceu (Apud, Campbell: 1990: 274-5), refere-se ao casamento de Pítaco com uma mulher pertencente à poderosa família dos Pentílidis, cuja ascendência remetia a Pêntilo, filho de Orestes e colonizador mítico da ilha de Lesbos. Ao mencionar esse dado, o poeta parece aludir ao miasma da família dos Atridas⁸.

8 O adjetivo patronímico *Atrida* aplica-se aos descendentes de Atreu. Atribuem-se diversos crimes a essa linhagem. Os irmãos Atreu e Tiestes assassinaram um terceiro irmão, de nome Crisipo. Em Micenas, os dois fratricidas disputaram o trono, e Atreu saiu vencedor. Este, sabendo que Aeropos, sua esposa, cometera adultério com Tiestes, planejou uma vingança. Assim, promovendo um banquete, mandou servir a Tiestes a

Além disso, o poeta parece desmerecer o casamento de seu rival político, uma vez que, no fragmento 348V, o chama de *kakopatrida*, *malnascido*. Nos *Theognidea* (verso 193), tal palavra é empregada para indicar uma classe social inferior. Todavia, a atribuição desse adjetivo a Pítaco é, em geral, justificada pela sua ascendência trácia, ideia defendida por Page (1955: 169), Burnett (1983: 167-8) e Frank (2018: 424). Somolinos (1998: 162), porém, acredita que o vocábulo seja alusivo a um nascimento de baixa estirpe, com acepção semelhante àquela encontrada no *Corpus Theognideum*.

Kurke (1994: 81), por seu turno, explica a questão com base na conduta perjura que Alceu atribui a seu rival no fragmento 129V. Partindo do princípio de que o juramento era um elemento essencial da cultura aristocrática, o autor defende que desrespeitá-lo equivaleria a perder a própria identidade aristocrática. Sendo assim, Pítaco tornara-se, na concepção alcaica, um *kakopatrida* em virtude de sua conduta, e não de seu nascimento.

19

4- FRAGMENTO 129V

... os lésbios este ...
... grande sagrado recinto, nele colocaram
os altares dos bem-aventurados deuses imortais (4)

e nomearam Zeus protetor dos suplicantes.
e tu, Eólia, deusa gloriosa,
mãe de todos, e este terceiro

carne de seus próprios filhos. A trilogia esquiliana *Oresteia* tem como tema a maldição dos Atridas e retrata seus desdobramentos: a morte de Agamêmnon, que fora criado por Atreu, pelas mãos de Egisto e a vingança de Orestes, o qual matou tanto o algoz de seu pai quanto a sua própria mãe, Clitemnestra, que, em conluio com seu amante Egisto, planejara o assassinato de Agamêmnon.

chamaram Cervo, (8)
 Dioniso, devorador de carne crua. Pois bem,
 com o coração benévolo, nossas súplicas
 escutai e dos sofrimentos
 e do terrível exílio nos livrai. (12)

que a Erínia daqueles
 persiga o filho de Hirra, pois juramos
 cortando um sacrifício...
 de modo algum ... um dos companheiros, (16)

mas ou morrendo, cobertos de terra
 ser sepultados por homens que então...
 ou, tendo-os matado,
 livrar o povo das aflições. (20)

20 o pançudo não lhes falou
 de coração, mas, levemente,
 tendo pisoteado os juramentos, devora
 nossa cidade... (24)

não conforme a lei
 ...
 ...
 Mírsilo (28)

No fragmento 129V, um dos mais comentados do *corpus* alcaico, surge, novamente, a metáfora do devorador da cidade e é digno de nota que, uma vez mais, recorre-se ao verbo *dapto* (verso 23), *devorar*, presente também no verso 7 do fragmento 70. O poema tem como cenário um santuário, no qual o poeta suplica pelo fim do exílio em que ele e seus aliados se encontram. Após evocar as divindades

ligadas ao santuário⁹, pleiteia a intercessão da Erínia – figura mítica responsável pela punição de crimes, sobretudo, de assassinato – para que vingue o derramamento de sangue provocado pela quebra de um juramento, *orkios*, por Pítaco.

A ruptura do juramento talvez tenha sido a principal razão para que Alceu nutrisse tanta objeção à figura de Pítaco. Como observa Konstantinidou (2014: 9-10), nas representações poéticas dos períodos arcaico e clássico, o homem que jura em falso inclui-se na condição de amaldiçoado e merecedor da punição divina. A esse respeito, é digna de nota a importância da palavra empenhada para a cultura grega e, particularmente, para o *ethos* aristocrático, pois, além de haver uma vertente religiosa inserida no juramento, este era, como declara Fileni (2002: 34), uma arma de que os eupátridas dispunham para tentar conter o avanço dos *kakoi* na sociedade, baseando-se em uma relação de lealdade entre si.

No verso 21, ocorre o substantivo *physgon*, *pançudo*, que, de modo algum, constitui um mero insulto a seu adversário, já que se encontra em consonância com a ideia de gluttonia perante os bens públicos, funcionando como um reforço da imagem do tirano que, ávido por riquezas, devora a própria cidade.

Todavia, certos críticos, entre os quais Bowra (1961: 144-5) e Kirkwood (1974: 69-70), perceberam uma mudança de tonalidade discursiva no poema. De fato, há um tom solene contido tanto na invocação às divindades quanto na referência a Pítaco por meio de alusão ao seu pai, Hirra (verso 13), algo típico dos poemas épicos. Logo, o termo *physgon* parece destoar do alto grau de formalidade dos versos anteriores.

9 Bachvarova 2007: 181 explica a citação das divindades. De acordo com a autora, Zeus é lembrado por ser a divindade protetora dos suplicantes. A alusão a Hera se deveria ao fato de ser ela patrona da Eólia, constituindo, assim, uma pertinente árbitra para os assuntos relativos aos lesbienses. A invocação a Dioniso, por sua vez, remeteria ao desejo de que as divindades usassem seus poderes mágicos contra Pítaco.

Com relação a essa aparente contradição, Kurke (1994: 84-5) explica a utilização do substantivo fazendo referência ao que chama de *essencialismo* da poesia alcaica:

Pittakos is called “child of Hyrras” in the context of swearing the oath (when still a member of the *hetairiae*), but *physgon* at the moment of betraying it. It is the act of betrayal that transforms Pittakos into “the baseborn”, but in terms of style and reference, *physgon* insists that it is a matter of essence. The word functions like a verbal firecracker – it is intended to shock and draw attention to its own inappropriateness. In terms of style, *physgon* is a low-class word in a high-class context. Alkaios thereby offers us a perfect mimesis in words of the political situation as he sees it. Pittakos has revealed himself to be base – and yet, he is now ruler of Mytilene, elected by the equally degraded *damos*. Alkaios exposes him for what he is, brands him as a ridiculous, incongruous pretender.

22

Portanto, o autor compreende ser intencional a mudança de tom discursivo proporcionada pelo emprego de *physgon*, acreditando que a utilização da invectiva se encontra associada com o paradoxo contido na ação de Pítaco, já que, pisoteando os juramentos (*posin embais ep' orkioisi*, versos 22-3), ele estaria traindo a sua própria essência aristocrática, o que, conseqüentemente, o tornaria semelhante a pessoas vis e de classe inferior.

5- FRAGMENTO 72V

...

...

Violentamente com...

Saciam-se de vinho puro até o amanhecer

E à noite deleita-se...
 Onde frequentemente havia o costume... (6)
 Mas este homem não se esqueceu disso
 quando, pela primeira vez, gerou distúrbios
 de fato, festejava todas as noites
 o fundo do barril ressoava. (10)

e tu, então, nascido de uma tal, tens
 a fama dos homens livres?
 que descendem de pais nobres?

O fragmento 72, por sua vez, constitui uma crítica a Pítaco por meio da alusão a seu pai, Hirra, descrito como um beberrão de comportamento imoderado. A esse respeito, é digna de nota a associação, na Antiguidade, dos trácios à bebedeira, como observa Burnett (1983: 167-8), que acredita ser o termo *nomos* (verso 6) concernente ao hábito trácio de beber o vinho puro:

This song of retrospective defamation begins with ancestors, goes on to father, and then strikes at its present victim not so much for personal faults as for being the scion of a disreputable race. The elder generation, with its daytime drinking of unmixed wine, is probably said to be following the custom (*nomos*, 6) of the Thracians, since they were antiquity's most notorious drunkards, and if so the upstart of the second stanza must surely be Hyrras, the Thracian father of Pittacus who somehow found his way into aristocratic Lesbian Society [...].

Evidentemente, a referência a Hirra para atingir a imagem de seu adversário político é compatível com o conjunto de críticas proferidas contra a figura do tirano em outros poemas, principalmente, no que diz respeito à própria metáfora do devorador da cidade.

Além disso, é notável a referência aos nobres ancestrais como indivíduos que legitimam a linhagem das famílias aristocráticas, ideia contida também nos fragmentos 6, 67, 72 e 130bV do *corpus* alcaico. Ao referir-se a Hirra, o poeta reforça a imagem do *kakopatrida* que não tem a capacidade de lidar com o poder, um atributo que, de acordo com o *ethos* aristocrático, devia manter-se sempre com aqueles indivíduos que pertencem a uma linhagem nobre._

CONCLUSÃO

A maneira como Pítaco foi exaltado na Antiguidade, como sábio e excelente governante, em associação com o fato de o clã a que pertencia Alceu ter sido derrotado nas *staseis* de Mitilene gerou uma visão extremamente negativa da obra alcaica, sobretudo, no que diz respeito aos insultos presentes em seus versos.

Entretanto, a leitura dos fragmentos 70, 72 e 129V revela um hábil manejo poético das invectivas na composição dos versos alcaicos, posto que a linguagem empregada para ofender e ridicularizar a figura de Pítaco remete a um cenário típico da poesia de temática política em tempos de *stasis*, que denuncia elementos considerados nocivos para os valores aristocráticos, tais como a obsessão tirânica pela riqueza, a ascensão de indivíduos de linhagem obscura e o desrespeito aos juramentos e às divindades.

BIBLIOGRAFIA

- Andrewes, A. (1955), *The Greek tyrants*, Oxford: Oxford University Press.
- Aubonnet, J. (1973), Aristote, *La Politique*, Paris: Les Belles Lettres.
- Bachvarova, M. (2007), "Oath and Allusion in Alcaeus Fr. 129", in A. Sommerstein & J. Fletcher (eds.), *Horkos. The Oath in Greek Society*, Bristol: Fenix Press, 179-188.

- Bowra, M. (1961), *Greek lyric poetry from Alcman to Simonides*, New York, Oxford.
- Burnett, A. (1983), *Three Archaic Poets: Archilochus, Alcaeus, Sappho*, London, Bristol: Classical Press.
- Campbell, D. (1990), *Greek Lyric I. Sappho and Alcaeus*, London: Harvard University Press.
- Catenacci, C. (2012), *Il tiranno e l'eroe. Storia e mito nella Grecia antica*, Roma: Carocci editore.
- Davies, M. (1985), "Conventional topics of invective in Alcaeus", *Prometheus* 11: 31-39.
- Forsdyke, S. (2013), "The Uses and Abuses of Tyranny" in R. Balot (ed.), *A companion to Greek and Roman political thought*, Oxford: Oxford University Press, 355-376.
- Fileni, M. (1983), "Osservazioni sull'idea di tirano nella cultura greca arcaica (Alc. Fr. 70, 6-9; 129, 21-24V.; Theogn. vv. 1179-1182)", *QUCC* 14, 2: 29-35.
- Frank, B. (2018), *Poesia arcaica griega (siglos VII-Va. C.)*, Ciudad de México: Universidad Nacional Autónoma de México.
- Gual, C. (1988), *Los siete sabios (y tres más)*, Madrid: Alianza Editorial.
- Lieberman, G. (1999), *Alcée, Fragments*, Paris: Les Belles Lettres.
- Mazon, P. (1972), *Homère, Iliade*, Paris: Les Belles Lettres.
- Mazon, P. (1972), *Homère, L'Odyssée*, Paris: Les Belles Lettres.
- Kirkwood, G. (1974), *Early Greek Monody - The History of a Poetic Type*, Ithaca and London: Cornell University Press.
- Konstantinidou, K. (2014), "Oath and curse" in Sommerstein, A, Torrance, I. (eds.), *Oaths and Swearing in Ancient Greece*, Berlin, De Gruyter: 6-47.
- Kurke, L. (1994), "Crisis and decorum in sixth-century Lesbos: reading Lakaios otherwise". *QUCC* 47, 2: 67-92.
- Leão, D. (2001), *Sólon. Ética e política*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Lentini, G. (2002), "I simposi del tirano: sui fr. 70-72V. di Alceo", *ZPE* 139: 3-18.
- Lewis, S. ed. (2006), *Ancient Tyranny*, Edinburgh: Edinburgh University Press, 1-14.
- Onelley, G. (2009), *A ideologia aristocrática nos Theognidea*, Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense; Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

- Page, D. (1955), *An introduction to the study of ancient Lesbian poetry*, Oxford: Oxford University Press.
- Roberts, W. (1910), Dionysius of Halicarnassus, *On literary composition*, London: Macmillan and Co.
- Somolinos, H. (1998), *El léxico de los poetas lesbianos*, Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.
- Voigt, E. (1971), *Sappho et Alcaeus*, Amsterdam: Polak & Van Gennepe.
- West, M. (1998), *Iambi et Elegi Graeci ante Alexandrum Cantati. Editio altera*. New York, Oxford: Oxford University Press.
- Yatromanolakis, D. (2009), "Alcaeus and Sappho" in F. Budelman (ed.), *The Cambridge Companion to Greek Lyric*, Cambridge: Cambridge, 204-214.